

Abordagens genéticas da escrita de si¹

Catherine Viollet (ITEM, CNRS-ENS, Paris)
Tradução Samara Fernanda A. O. de L. S. Geske

“TOMO UMA RESOLUÇÃO DE QUE jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda verdade de sua natureza, e esse homem serei eu. Somente eu”². O famoso *incipit* das *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau continua correto quanto à primeira afirmação – “uma resolução de que jamais houve exemplo” – ele foi e continua pioneiro. Mas, se não subestimou o alcance de sua obra, Rousseau, persuadido de que sua empreitada “não terá imitador”, certamente menosprezou a posteridade... Na realidade, Rousseau convoca seu leitor a imitá-lo: “Que cada um deles, por sua vez, com a mesma sinceridade, ponha a nu o coração”³. As autobiografias, narrativas de infância, memórias, autorretratos e, agora, autoficções se tornaram abundantes e interessam muitos leitores.

E, no entanto, a dificuldade de tal empreitada parece continuar intacta em plena metade do século XX. Se confiarmos em Thomas Mann com respeito ao projeto de escrever sobre si, a dificuldade não diminui em relação às obras de ficção, diferentemente: “Abordar a narrativa do ‘eu’ com algum estilo é mais difícil do que contar a história mais inovadora”⁴. “Em geral, eu nutro grande temor diante do que é abertamente autobiográfico; isso me parece ser o que há de mais difícil, uma tarefa de uma dificuldade quase insolúvel quanto ao tato literário”⁵, insiste mais uma vez o romancista em sua correspondência.

Partindo dessas considerações, gostaria de apresentar as afinidades eletivas que ligam estudos genéticos e textos autobiográficos – afinidades aprofundadas há cerca de 20 anos pela equipe “Gênese e Autobiografia” do ITEM e que sempre foram colocadas em destaque por Philippe Lejeune.

Afinidades eletivas

“Ler uma narrativa autobiográfica (incluindo o diário) é tomar conhecimento da vida de seu autor: ora, a própria redação da narrativa autobiográfica (ou do diário) faz parte dessa vida, e a história dessa escrita permite compreender como a identidade se construiu”. Essa formulação de Philippe Lejeune⁶ resume perfeitamente a reciprocidade das relações que podem estabelecer análise genética e “espaço autobiográfico” em sentido amplo⁷. Por meio dessa abordagem da vida do autor e da “vida” do texto que é estruturada pela narrativa, percebemos todo o interesse – e as dificuldades – do encontro de duas perspectivas, genética e genérica⁸. Alguns escritores contemporâneos, aliás, trouxeram seu próprio testemunho sobre esse encontro, mostrando ao leitor os prototextos de uma obra autobiográfica. Esse é principalmente o caso de Annie Ernaux que em *Se perdre* – diário que precede a redação da narrativa autobiográfica de uma relação amorosa, *Passion Simple* (1991), mas que só será publicado anos mais tarde⁹, explicita em parte a gênese da narrativa a partir das notas de seu diário pessoal. *Se Perdre* constitui assim uma “prova retumbante do jogo dialético complexo entre o vivido individual e a história escrita, uma transfiguração por trás da qual se lê muito mais que a aventura singular de um indivíduo”, “legitimando o projeto de dizer tudo” e “colocando nas mãos do leitor todos os elementos

¹ Conferência proferida no XI Congresso Internacional da APCG, em Florianópolis (Brasil), 18 a 21 de junho de 2013.

² ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Trad. Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 13.

³ Ibidem. Loc. cit.

⁴ “Den Ich-Bericht mit nur einigem Geschmack zu behandeln ist schwieriger, als die gewagteste Geschichte zu erzählen” (5.9.1948, carta a Alfred et Kitty Neumann – MANN, T; WYSLING, H; EICH-FISCHER, M. (Orgs.). *Thomas Mann, Selbstkommentare: “Doktor Faustus” und “Die Entstehung des Doktor Faustus”*. Frankfurt: Fischer TB Verlag, 1992, p. 355, tradução da autora).

⁵ “Im Ganzen hege ich grosse Scheu vor dem direkt Autobiographischen, das mir als schwierigste, fast unlösbar schwierige Aufgabe für den literarischen Takt erscheint [em referência a *Entstehung des Doktor Faustus*]” (19.1.1950, carta a Alexander Moritz Frey – Ibidem, p. 371, tradução da autora).

⁶ LEJEUNE, P. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998, p. 8. Ver também *Genesis*, n. 16, “Autobiographies”, 2001.

⁷ O termo “ego-documents” (inventado por volta de 1955 pelo historiador Jacques Presser), tal como ele é definido pelo Institute of Netherlands History, é um termo coletivo que designa “todo texto no qual a vida pessoal e o ponto de vista do autor desempenham um papel central: diário íntimo, autobiografia, memórias, diário de viagem, narrativa de conversão religiosa etc.”. Utiliza-se também, no contexto anglo-saxão assim como no plano internacional, a expressão “Life-Writing”.

⁸ Ver *Genesis*, n. 16, “Autobiographies”, 2001 e *Genesis*, n. 32, “Journaux personnels”, 2011.

⁹ ERNAUX, A. *Passion simple*. Paris: Gallimard, 1991; Idem. *Se Perdre*. Paris: Gallimard, 2001. Em relação ao “diário de escrita” de *Passion simple*, ver também Julie LeBlanc (*Genèses de soi*. Montréal: Éds. du remue-ménage, 2008) e Catherine Viollet (Journaux de genèse. In: *Genesis*, n. 32, “Journaux personnels”, 2011, p. 43-62).

de uma compreensão¹⁰. Recentemente (2011), Annie Ernaux publicou seu “diário de escrita”, *L'atelier noir*, relativo principalmente a *Les Années*¹¹.

Escritos com a intenção de “dizer sua vida em sua verdade”, de se expressar sobre sua própria pessoa e sobre eventos vividos, os textos autobiográficos (narrativas, memórias, diários pessoais) podem ser considerados como gestos referenciais. Diferentemente dos textos de ficção, repousam sobre um contrato de enunciação e de leitura – cujas modalidades foram explicitadas e teorizadas por Philippe Lejeune. Esse contrato tem valor de garantia de autenticidade diante de si mesmo e dos leitores ou pelo menos de sinceridade do autor, quando ele afirma ter vivido aquilo que é o assunto da narração. Ora, como sublinha Jean-Louis Jeannelle, “a questão da facticidade dos textos [...] não é um dado intangível, mas um dado igualmente complexo como o é a ficção”, pois se a linguagem é o fundamento de nossa identidade, ela é capaz de “reconstruir o passado tanto quanto designá-lo”¹². Pertencem também ao espaço autobiográfico um conjunto de textos situados à fronteira da “escrita de si” e da ficção: aqueles que definimos pela expressão “romance autobiográfico” e mais recentemente a grande variedade de textos que surgem da categoria híbrida e fluida de “autoficção”¹³, que misturam, seguindo diversos procedimentos e em doses variáveis, narrativa referencial e ficção¹⁴.

Uma questão dupla: perspectiva genérica, abordagem genética

Em que o cruzamento de uma abordagem ao mesmo tempo genérica e genética de textos ligados à experiência vivida é duplamente pertinente e duplamente fecundo, tanto do ponto de vista da crítica genética quanto do ponto de vista do estudo do gênero autobiográfico? Por muito tempo ignorados, considerados suspeitos, repelidos aos limites do “literário”, os textos autobiográficos ocupam, no entanto, uma posição significativa, particularmente sensível, diante das questões de gênese. Esses escritos oferecem ao pesquisador a ocasião de observar, de maneira perfeitamente legítima, processos e modalidades de construção do sujeito no reflexo da escrita – por exemplo, as experimentações, os procedimentos de controle, as modulações referenciais, as diversas operações com a linguagem (e seus obstáculos) e a memória, ou as diferentes instâncias de um “eu” que escreve. Esses processos são parte integrante do texto autobiográfico.

DO PONTO DE VISTA DA CRÍTICA GENÉTICA

Antes de se estender recentemente aos processos de criação das artes e das ciências, a crítica genética se desenvolveu – historicamente falando – principalmente a partir do estudo de obras de ficção (e, em menor medida, de poesia e de teatro) de escritores consagrados. Se a abordagem genética dos textos autobiográficos não difere quase nada, em seus métodos e suas etapas, daquela das obras de ficção, a escrita de si, ao contrário, responde a um sistema poético que difere da ficção: o da “dicção”, tal como define Gérard Genette¹⁵. Ele abre, aliás, sobre outras perspectivas e cria vínculos com muitas outras áreas das ciências humanas (história, sociologia e psicologia principalmente).

No contexto do estudo “transversal” de um gênero em seu conjunto, essa distinção, essa discriminação da escolha das obras em função do grau de notoriedade

¹⁰ LEBRUN, J.-C. *L'Humanité*, 15 fev. 2001.

¹¹ ERNAUX, A. *L'atelier noir*. Paris: Éds. des Busclats, 2011.

¹² JEANNELLE, J.-L. Autofiction et poétique. In: SIMONET-TENANT, F. (Dir.). *Le propre de l'écriture de soi*. Paris: Téraèdre, 2007, p. 27-29.

¹³ O termo nasceu da pena de Serge Doubrovsky, no paratexto de *Fils* (1977).

¹⁴ Ver JEANNELLE, J.-L.; VIOLLET, C. (Orgs.). *Genèse et autofiction*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant (col. “Au cœur des textes”), 2006.

¹⁵ GENETTE, G. *Fiction et diction*. Paris: Seuil (col. “Poétique”), 1991; Seuil (col. “Points essais”), 2004.

do autor e/ou de critérios estéticos (a discutível noção de “literalidade”) se revela pouco pertinente. A teoria literária, a análise poética e a estética devem ser válidas e aplicáveis a todo o texto, incluindo aqueles que não foram valorizados pelas instituições (escolares, universitárias, editoriais etc.); os usuários “ordinários” da escrita de si dispõem também de um “*savoir écrire*” que justifica incluir suas produções nesse campo de pesquisa. A distinção entre obras publicadas ou não (principalmente no caso de diários íntimos, geralmente inéditos, muitas vezes impúblicáveis) também não se mostra pertinente.

O grande número de autores e obras levados em conta apresenta outro interesse. Ele deve levar a distinguir dois aspectos da gênese por meio da variedade dos escritos pessoais que, sob a forma de narrativa ou de diário, tem em comum o fato de serem discursos sobre si: o da escrita autobiográfica propriamente dita (enquanto ato de enunciação, de “formalização” discursiva de eventos que respondem a certas regras e restrições) e a parte de estratégia enunciativa, de criatividade desses textos.

DO PONTO DE VISTA GENÉRICO (NO CAMPO DO GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO)

Analisar em sua diversidade os processos de gênese de uma obra que enfatiza a escrita de si – e não somente aqueles das obras canônicas – deve permitir explorar, por meio dos canteiros da criação, as características dessa categoria de escritos e atualizar os processos de redação utilizados. Essa análise deve também permitir explorar os obstáculos (e as diferentes maneiras de escapar a eles ou de contorná-los) e os diversos dispositivos e percursos de criação, de representação ou de metamorfose do eu mediante movimentos de escrita.

De Lucile Desmoulins a Marie d’Agoult, de Rousseau a Sophie Calle, de Hervé Guibert a Lorand Gaspar, de Anne Scheyer a Martine Sonnet, de Rétif de la Bretonne a Henri-Pierre Roché, passando pela tão jovem Ariane Grimm (de 8 anos de idade) – quase duzentos autores de textos autobiográficos já foram estudados pela equipe “Gênese e Autobiografia” no âmbito de análises genéticas, durante seus quase vinte anos de existência. Os *corpora* estudados, principalmente se pertencentes à esfera da literatura de língua francesa, englobam também muitos textos estrangeiros – do Japão à Rússia, passando pela Argentina e em breve o Brasil – e compreendem quase todas as línguas europeias. Nossa abordagem se propõe assim estar aberta a uma perspectiva comparatista.

A abundância e a variedade dos textos que pertencem à escrita de si convidam a definir eixos de pesquisa para o estudo de sua gênese. Apresento aqui um breve panorama daqueles que foram explorados até agora.

A construção das figuras do eu

Escrever uma autobiografia, manter um diário, é antes de tudo construir uma subjetividade, uma “identidade narrativa” (Paul Ricoeur), figuras do eu – partindo do “eu”, do “si” em relação ao outro. A construção das figuras do escritor (ou daquele que escreve) no espelho da autobiografia coloca a questão do contrato de leitura, do endereçamento ao leitor, da autoridade narrativa e encontra também obstáculos de ordem diversas¹⁶. Como se combinam as diferentes instâncias de um “eu” que escreve e de um “eu” objeto da escrita em autores tão diferentes quanto Marie d’Agoult,

¹⁶ Ver LEJEUNE, P; VIOLLET, C. (Orgs.). *Genèses du “Je”*. Paris: CNRS-Éditions (col. “Textes et Manuscrits”), 2000.

Jules Michelet ou Marcel Proust (pensamos no “ciframento” autobiográfico de Jean Santeuil)? Ou ainda em André Gide, Marguerite Duras, Michel Leiris – cujo objetivo é a desconstrução do eu? Ou em escritores cuja gênese se elabora ao longo de um diálogo, como Viollet Leduc com Simone de Beauvoir, ou Louis Marin com Stendhal?

Questões do nome próprio

Que se trate do nome do autor ou dos protagonistas, próximos ou distantes, famosos ou não, o nome próprio se insere no coração da escrita autobiográfica, do qual é fiador. Quais problemas, quais questionamentos, quais escolhas se cristalizam em torno do nome próprio, vetor essencial da relação do autor com o texto autobiográfico, uma vez que ele incorpora em uma mesma identidade o autor-narrador-personagem, o que acaba por caracterizar o gênero em si mesmo?

Muitas vezes programático, desenvolvido na dimensão de uma obra ou simples gatilho da escrita; geralmente definido e comentado, mas também objeto de fantasmas, de associações, de ressonâncias... A análise genética comparativa elucida esses jogos de escrita com e sobre o nome e revela a multiplicidade das estratégias: maquiagem em Céline, anagrama em Yourcenar, expansão infinita em Joseph Delteil, esquivamento do nome “impróprio” por Kafka, rapto dos nomes próprios em Leiris, invenção para Aragon, variações eróticas em Viollet Leduc, autocensura em diversos diários, pseudônimos em diaristas da Internet...

Figurações do tempo: tempo vivido, tempo da narração, tempo da escrita

O nome próprio e as figurações do tempo constituem os dois pilares essenciais da escrita autobiográfica, tanto para a narrativa quanto para o diário. Que se trate da organização, cronológica ou não, do “tempo vivido”, do ordenamento da narração ou da representação do tempo da escrita, o que encontramos nos rascunhos? Como se apresentam sob a pena do escritor os mecanismos cognitivos tais como a (re)construção de lembranças, o funcionamento da memória como instrumento de gestão do tempo? Como se elabora concretamente o *Temps immobile* de Claude Mauriac, os ritmos da escrita no diário em Charles Juliet, a comparação entre textos de juventude e outros mais tardios em Pierre Schaeffer, Serge Doubrovsky ou Gilles Barbedette, a anacronia em Jean Deiteil, as representações simbólicas do tempo em *Brulard* de Stendhal, as relações entre tempo e memória em Ingeborg Bachmann, as relações entre gênese e genealogias em Elsa Morante, a superposição de estratos em *Trames d'enfance* de Christa Wolf? A “narrativização” (*mise en intrigue*, de Paul Ricoeur) do passado, essa tessitura da narrativa no tempo da escrita se revela então uma operação determinante, que transforma uma sequência de eventos “em uma história, em uma totalidade significante”.

Metadiscurso, encenação da gênese do texto

O metadiscurso autobiográfico aborda principalmente, tanto na narrativa quanto no diário, os aspectos temporais e reflexivos, as relações entre implícito e explícito no discurso. Essas reflexões metadiscursivas pertencem tanto ao *corpus* não

literário (autobiografias de um criminoso, Emile Nouguier, narrativas bilíngues de uma alsaciana, Anne Scheyer) quanto aos dos escritores experientes como Stendhal, Paul Léautaud, Max Frisch ou Christa Wolf.

Relações entre texto e não-texto, entre verbal e não-verbal (grafia e iconografia: “fotobiografia” em Roland Barthes, Anny Duperey ou Lorand Gaspard; particularidades do uso da página, jogos gráficos em Paul Desjardins, Fernando Pessoa, Georges Perec, Ariane Grimm; e também jogos tipográficos (Christianne Rochefort), interações entre texto e desenho (diário de Franz Kafka, cadernos de Marie-Claire Blais), autobiografia de um fotógrafo (Jacques-Henri Lartigue). O corpus é rico, particularmente no terreno dos diários¹⁷!

Censura, autocensura, transposição

Tentar conciliar o discurso íntimo, o do “eu” privado, com os obstáculos que engendra o olhar dos outros e da sociedade, por ocasião de uma publicação, não é uma coisa fácil. As ações de censura que o estudo dos manuscritos permite constatar são normalmente ligadas ao projeto de publicação, à forma de controle extraliterário (obstáculos de ordem social, econômica, moral, religiosa, risco de atingir a vida privada de outro). Para além das supressões puras e simples, essas ações podem se manifestar por silêncios, brancos, interferências enunciativas, jogos polissêmicos autorizando diferentes níveis de leitura. A autocensura constitui uma resposta eventual à censura (Violette Leduc), mas à provocação também (Pierre Guyotat)¹⁸. Os *corpora* estudados vão de Stendhal e sua recusa explícita da autocensura a Louis Althusser e sua dupla autobiografia, passando por escritores como Manuel Puig e o ciframento ou a transformação dos aspectos autobiográficos, Kafka, Ingeborg Bachmann, Max Frisch, Hervé Guibert, mas também Amélie Weiler, Marie Bashkirtseff e Marie-Edmée Pau, jovens diaristas do século XIX que os editores (ou herdeiros) censuraram, muitas vezes até a impostura (para Bashkirtseff).

Metamorfoses do diário

Os escritos diarísticos são antes de tudo o resultado de uma prática, o fruto de uma elaboração progressiva, na qual repetição ou variação formam um sistema. Rascunho por excelência, lugar de memória, fixação do tempo no ardor das anotações quotidianas do momento presente, o diário é geralmente fonte virtual, modelo, reservatório de prototextos ou contraponto de uma obra – seja ela autobiografia, seja ela uma ficção¹⁹. No entanto, como um diário manuscrito, escrito pessoal e privado, se metamorfoseia em obra publicada? Quais tipos de transformações, de ajustes textuais (sejam eles efetuados ou não pela mão do autor) essa mudança radical de perspectiva – isto é, a passagem da livre expressão, individual e privada a sua comunicação pública – supõe ou implica? Somente a abordagem genética permite estudar esses processos colocados em jogo. Os diários de Catherine Pozzi, Franz Kafka, Claude Mauriac, Virginia Woolf, os *Carnets de jeunesse* de Simone de Beauvoir, ou, ainda, os de Jude Stefan, Hervé Guibert, Michel Leiris, Charles Juliet, Jacques Roubaud, oferecem diferentes respostas a essas questões²⁰.

¹⁷ Ver os artigos de Claire Bustarret, “Griffonnages, dessins, photos et collages dans l’espace graphique du journal personnel, XIXe-XXe s.,” e de Françoise Simonet-Tenant “Catherine Pozzi. Le cahier août-décembre 1927” (In: *Genesis*, n. 32, p. 97-116 e 155-176).

¹⁸ Ver BUSTARRET, C; VIOLLET, C. (Orgs.). *Genèse, censure, autocensure*. Paris: CNRS-Éditions (col. “Textes et Manuscrits”), 2004.

¹⁹ Sobre estas questões, ver *Genesis*, n. 32, “Journaux personnels”, 2011.

²⁰ Ver VIOLLET, C; LEMONNIER-DELPY, M.-F. (Orgs.). *Métamorphoses du journal personnel*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant (col. “Au cœur des textes”), 2006.

Paratexto

No campo dos escritos autobiográficos, o paratexto (título, nome do autor, dedicatória, prefácio, nota do editor, contracapa, entrevistas etc.) desempenha – diferentemente dos textos de ficção – um papel essencial e merece uma atenção particular. Aliás, em alguns casos é somente o (meta)discurso paratextual que permite ao leitor incluir ou não determinado texto nessa categoria genérica. Além disso, as ambiguidades do paratexto – tanto sob o aspecto da gênese quanto sob o aspecto da recepção – podem estar na origem de diversos processos e escândalos (principalmente em relação ao livro de Stephan Hermlin, *Crépuscule*, publicado em 1979).

Intertextualidades

Sobre quais documentos, quais livros, quais arquivos se baseiam os autobiógrafos para construir uma representação de si mesmos? E sobre qual modo diferentes textos se comunicam, se entrelaçam para produzir um novo texto? A polissemia do termo “transtextualidade” (definido por Gérard Genette) permite explorar a parte dos empréstimos na elaboração de um discurso sobre si: mediante leituras (Raymond Queneau, Philippe Soupault, Marie-Claire Blais); por meio dos diálogos entre duas personalidades (Catherine Pozzi/Paul Valéry; Madeleine Rondeaux/André Gide; Ingeborg Bachmann/Paul Celan); sob a forma de palimpsesto; ou ainda a partir de uma multiplicidade de fontes (Roland Barthes, Georges Perec, Julio Cortázar, Christiane Rochefort)²¹.

²¹ Ver MONTÉMONT, V; VIOLLET, C. (Orgs.). *Le Moi et ses modèles: genèse et transtextualités*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant (col. “Au cœur des textes”), 2009.

Exogênese (arquivos)

É muito comum salientar que os escritos autobiográficos se baseiam normalmente em arquivos, traços do passado – essa parte de alteridade inerente ao sujeito, transpessoal, intersubjetivo. Como se dá a coleta desses traços, familiares ou outros, escritos ou não, dentro (e fora) da narrativa? Que uso faz-se deles? Quais são as modalidades de inserção desses arquivos na escrita autobiográfica? Enfim, qual tipo de discurso os acompanha? Contrariamente ao senso comum, a escrita autobiográfica está longe de ser um gênero autocentrado: com frequência ela entrelaça história individual e história coletiva (cf. Annie Ernaux, *Les Années*); a narrativa de si se torna muitas vezes narrativa das origens, narrativa do outro, espelho direcionado a outrem, tirando seus materiais dos arquivos familiares ou outros²². A escrita autobiográfica se torna assim multidisciplinar: história, sociologia, estudos culturais, estudos de gênero...

²² Ver MONTÉMONT, V; VIOLLET, C. (Orgs.). *Archives familiales: modes d'emploi. Récits de genèse*. Louvain-la-Neuve: Academia/L'Harmattan, 2013.

Poética da disposição (DISPOSITIO), técnicas de composição

A prática autobiográfica aponta para uma dinâmica de escrita particular? Como então se caracteriza a seleção de elementos, o ritmo, as repetições, retomadas, expansões, condensações, deslocamentos ou apagamentos puros e simples, há ali fragmentação ou construção de uma coerência...?

As técnicas de composição desses escritos se revelam particularmente interessantes quando se trata de uma montagem a partir de elementos emprestados de

outros materiais: diários pessoais, correspondência, arquivos relacionados principalmente com essa estética do empréstimo. A elaboração de dispositivos textuais (e às vezes icônicos), de procedimentos discursivos, de posturas escriturais, de estratégias expressivas materializa a junção entre vida vivida (verificável, averiguável) e vida recomposta pela escrita. E quando um autor inventa regras particulares de escrita (Perec, Leiris, Roubaud...), o emprego dessas restrições formais oferecem ao geneticista um terreno privilegiado de análise.

Questões de sexo, gênero, de sexualidades

As questões de sexo, de gênero e de sexualidade constituem uma área importante da experiência humana, e um vasto campo de pesquisa que diz respeito ao conjunto das práticas, tanto sociais quanto simbólicas, e muito particularmente a linguagem e a escrita. Essas noções permitem interrogar os preconceitos, desconstruir as certezas, explorar os textos sob um ângulo novo – com todo o cuidado epistemológico imposto.

Os escritos autobiográficos abordam muitos aspectos da vida humana, dentre os mais secretos, os mais íntimos, principalmente as relações complexas entre sexo e gênero (enquanto construção da relação entre o biológico e o social), sexo e sexualidades, gênero e sexualidades: de que maneira, por quais processos esses aspectos essenciais – mas particularmente difíceis de enunciar – da vida humana e da construção do sujeito no interior da sociedade encontram sua expressão nesses escritos, seja no caso do diário pessoal seja no caso de narrativas autobiográficas? Quais são as modalidades de sua transcrição, ou ainda (e até mesmo) de sua desconstrução? Quais relações se estabelecem entre a busca da identidade sexual e a busca da identidade em e por meio da escrita? De que maneira essas questões do sexo, gênero, sexualidade vão (ou não) revelar-se fecundas e produtivas na obra propriamente dita?

Que tomemos como exemplo os *Souvenirs* de Herculine Barbin (editados em sua época por Michel Foucault), hermafrodita que foi forçado a mudar de sexo e que acabará por se suicidar; os diários de escritores da Europa central, como os de Géza Csáth (húngaro), Ladislav Klima (tcheco) e Karol Irzykowski (polonês), que abundam de notações, muitas vezes cifradas, relacionadas à sua atividade sexual, assim como o de Eugène Wilhelm, sob pseudônimo de Numa Praetorius (1866-1951), um jurista bissexual de Strasbourg – a sexualidade, as questões de gênero se revelam onipresentes. Os diários de adolescentes franceses do século XIX traduzem por sua vez um questionamento mais discreto, porém insistente da sexualidade. Os manuscritos de gênese das obras de Violette Leduc, de Marguerite Duras ou de Annie Ernaux mostram a dificuldade com as quais se chocam principalmente as escritoras para expressar erotismo e sensualidade, e conceber utopias eróticas. O estudo minucioso do *Journal de guerre* de Simone de Beauvoir e sua transposição em suas *Mémoires* mostra que ela não escapa também à tentação da autocensura; para *La Chasse à l'amour*, último volume da trilogia autobiográfica de Violette Leduc que Beauvoir publica de forma póstuma, o estudo dos manuscritos mostra que Beauvoir eliminou – contrariamente ao que ela afirma no prólogo – por volta de um terço do manuscrito original. O peso dos tabus e julgamentos sociais é particularmente marcado nessa área: testemunham disso, por exemplo, o diário inédito dos romancistas Yves Navarre e o manuscrito original de *On the Road* de

Jack Kerouac, narrativa autobiográfica amplamente suavizada na publicação. Enfim, o diário de Amélie Fabri – moça genebrina sobre a qual Benjamin se pergunta, em seu diário intitulado *Amélie et Germanie (de Staël)*, se vai ou não casar-se com ela – estudado recentemente por Philippe Lejeune, desmente o retrato um tanto ingrato que Benjamin Constant faz dela.

Os estudos dos processos de gênese supõem assim levar em consideração as demandas, tanto materiais quanto simbólicas, ligadas a essas categorias que estruturam a sociedade, a compreender seu funcionamento na produção dos textos. As pesquisas sobre as questões de identidade sexual, de gênero e sobre as representações discursivas da sexualidade a elas ligadas encontram no estudo da gênese de textos autobiográficos um material de qualidade: por excelência lugares de trabalho criativo, eles carregam consigo traços de conflitos, de questionamentos, de ambiguidades e de contradições, de autocensura, de ajustes entre obediência e subversão de normas, de metamorfoses próprias ao processo de produção – dos quais os leitores estão longe de suspeitar.

Em toda tentativa de representação escrita do vivido, construção de si e construção do texto caminham juntas: a análise genética permite ter acesso aos processos, aos percursos de criação, de representação ou de metamorfose da escrita. Somente o estudo dos manuscritos torna tangíveis as questões de uma escrita na qual literatura não rima com ficção – que se trate de triar, ordenar, interpretar os traços do passado; de reescrever transformando a interpretação de um evento vivido; de refletir sobre o gesto e a maneira de escrever sobre si, sobre o trabalho da memória; de procurar conciliar o íntimo, o privado com o fato de publicar um texto: em resumo, construir com palavras um “eu” de tinta e papel.

Cada texto é único, e mais ainda o dossiê de sua gênese. Entretanto, agrupando casos de aspectos tão diferentes, tão singulares, mas que respondem aos mesmos problemas, podemos estabelecer pouco a pouco aproximações, parentescos, pontos em comum, que não poderiam surgir fora de uma abordagem comparativa: um certo *savoir-faire* compartilhado pelas escritas do eu.

Referências bibliográficas

- BUSTARRET, Claire. Griffonnages, dessins, photos et collages dans l’espace graphique du journal personnel, XIXe-XXe s.. In: *Genesis*, n. 32, p. 97-116.
- _____; VIOLLET, Catherine (Orgs.). *Genèse, censure, autocensure*. Paris: CNRS-Éditions (col. “Textes et Manuscrits”), 2004.
- ERNAUX, Annie. *L’atelier noir*. Paris: Éds. des Busclats, 2011.
- _____. *Passion simple*. Paris: Gallimard, 1991.
- _____. *Se Perdre*. Paris: Gallimard, 2001.
- Genesis*, n. 16, “Autobiographies”, 2001.
- Genesis*, n. 32, “Journaux personnels”, 2011.
- GENETTE, Gérard. *Fiction et diction*. Paris: Seuil (col. “Poétique”), 1991; Seuil (col. “Points essais”), 2004.
- JEANNELLE, Jean-Louis. Autofiction et poétique. In: SIMONET-TENANT, Françoise (Dir.). *Le propre de l’écriture de soi*. Paris: Téraèdre, 2007.
- _____; VIOLLET, Catherine (Orgs.). *Genèse et autofiction*. Louvain-la-Neuve:

- Academia-Bruylant (col. "Au cœur des textes"), 2006.
- LEBLANC, Julie. *Genèses de soi*. Montréal: Éd. du remue-ménage, 2008.
- LEBRUN, Jean-Claude. *L'Humanité*, 15 fev. 2001.
- LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998.
- _____; VIOLLET, Catherine (Orgs.). *Genèses du "Je"*. Paris: CNRS-Éditions (col. "Textes et Manuscrits"), 2000.
- MANN, Thomas; WYSLING, Hans; EICH-FISCHER, Marianne (Orgs.). *Thomas Mann, Selbstkommentare: "Doktor Faustus" und "Die Entstehung des Doktor Faustus"*. Frankfurt: Fischer TB Verlag, 1992.
- MONTÉMONT, Véronique; VIOLLET, Catherine (Orgs.). *Archives familiales: modes d'emploi. Récits de genèse*. Louvain-la-Neuve: Academia/L'Harmattan, 2013.
- _____; _____. (Orgs.). *Le Moi et ses modèles: genèse et transtextualités*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant (col. "Au cœur des textes"), 2009.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As confissões*. Trad. Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- SIMONET-TENANT, Françoise. Catherine Pozzi. Le cahier août-décembre 1927. In: *Genesis*, n. 32, p. 155-176.
- VIOLLET, Catherine. Journaux de genèse. In: *Genesis*, n. 32, "Journaux personnels", 2011, p. 43-62.
- _____; LEMONNIER-DELPY, Marie-Françoise (Orgs.). *Métamorphoses du journal personnel*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant (col. "Au cœur des textes"), 2006.

Obras publicadas pela equipe "Gênese & Autobiografia" do ITEM

- VIOLLET, Catherine. *Archives familiales: modes d'emploi. Récits de genèse*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2013.
- _____; BUSTARRET, Claire (Orgs.). *Genèse, censure, autocensure*. Paris: CNRS-Éditions, 2005.
- _____; GRETCHANAIA, Elena (textos organizados, transcritos, apresentados e anotados). "Si tu lis jamais ce journal..." *Diaristes russes francophones 1780-1854*. Paris: CNRS-Éditions, 2008.
- _____; JEANNELLE, Jean-Louis (Orgs.). *Genèse et autofiction*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2007.
- _____; LEJEUNE, Philippe (Orgs.). *Genèses du "Je"*. Paris: CNRS-Éditions, 2000.
- _____; _____. (Orgs.). *Genesis*, n. 16, "Autobiographies", 2001.
- _____; LEMONNIER-DELPY, Marie-Françoise (Orgs.). *Métamorphoses du journal personnel*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2006.
- _____; MONTÉMONT, Véronique (Orgs.). *Le moi et ses modèles: genèse et transtextualités*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2009.
- _____; SIMONET-TENANT, Françoise (Orgs.). *Genesis*, n. 32, "Journaux personnels", 2011.
- Em preparação: *Dictionnaire de l'autobiographie* (coletivo, sob a direção de Françoise Simonet-Tenant)